

# Vitorino Nemésio: Uma voz açoriana do diálogo Luso-Brasileiro

## Vitorino Nemesio: An azorean voice of the Luso- Brazilian dialogue

IRENE DE AMARAL\*

RESUMO: AS ILHAS ATLÂNTICAS DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES INTERMEDEIAM A ESCRITA BRASILEIRA DE VITORINO NEMÉSIO, QUE ASSUME A POSIÇÃO DE PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO QUE ESCREVE SOBRE O BRASIL. EM SUA ESCRITA, O TRAÇO CULTURAL DO OUTRO É RECONHECIDO COMO UMA CARGA AFETIVA QUE SE PODE CONSTITUIR COMO OBSTÁCULO OU COMO PRIVILÉGIO DO ENTENDIMENTO ENTRE PORTUGUESES E BRASILEIROS.

ABSTRACT: THE ATLANTICS ISLANDS OF THE AZORES ARCHIPELAGO INTERMEDIATE THE BRAZILIAN WRITING OF VICTORINO NEMÉSIO, WHO ASSUMES THE POSITION OF AN ATLANTIC PORTUGUESE WHO WRITES OF BRAZIL. IN HIS WRITING, THE CULTURAL FEATURE OF THE *OTHER* IS RECOGNIZED AS AN AFFECTIVE CHARGE WHICH CAN CONTRIBUTE AS AN OBSTACLE OR AS A PRIVILEGE OF THE KNOWLEDGE AMONG PORTUGUESE AND BRAZILIANS.

PALAVRAS-CHAVE: VITORINO NEMÉSIO; AÇORES; ESCRITA BRASILEIRA; BRASIL E PORTUGAL.

KEYWORDS: VITORINO NEMÉSIO, AZORES, BRAZILIAN WRITING; BRAZIL AND PORTUGAL.

---

\* Doutora em Estudos Luso-Afro-Brasileiros pela University of Massachusetts Dartmouth, Estados Unidos da América.

se o diálogo luso-brasileiro puder continuar a desenvolver-se com base na afetividade e num verdadeiro conhecimento mútuo entre *cá e lá*? Essa é uma pergunta muito pertinente no âmbito da carreira acadêmica e literária de Vitorino Nemésio. Durante uma vida inteira, o professor açoriano recorreu ao recorte espacial das suas nativas Ilhas dos Açores como suporte do desenvolvimento da relação transatlântica luso-brasileira.

Em si mesmo, o conceito de luso-brasilidade representa um desafio cultural rodeado de dificuldades advindas da relação colonial constantemente relembada de forma direta ou indireta, quer pelo Brasil, quer por Portugal. Porém, a produtividade subjacente ao diálogo luso-brasileiro sempre se sobrepõe; porquanto, o reconhecimento dessa relação resulta do aprofundar da compreensão das identidades portuguesa e brasileira, a par do entendimento do espaço cultural transatlântico. Também é verdade que esse diálogo ressurgiu ao longo do século XX enquanto proposta das elites culturais e políticas. Os interesses que lhe deram forma assumiram diferentes vocações, ao sabor de ideologias nacionalistas ou solidárias, de valor afetivo ou puramente estratégico. O posicionamento reflexivo e nada iludido permite, desde há um tempo a esta parte, estabelecer-se uma avaliação crítica das interações entre Portugal e o Brasil, sem que fiquem silenciadas as diversas posições identitárias conscientes de uma certa especificidade transatlântica a ser dita em português.

As bases do refazer do diálogo luso-brasileiro podem então constituir-se não só através do processo de resolução de um passado traumático entre uma margem e outra, mas podem também afirmar-se pela presença tricentenária de uma emigração portuguesa no Brasil. Aliás, a experiência migratória originará o movimento inverso, que é o regresso do chamado “brasileiro”<sup>1</sup> ou “torna-viagem.” Na tradição literária portuguesa dos últimos dois séculos, o torna-viagem do Brasil, à semelhança do da América do Norte, adquiriu um estatuto ambíguo, sendo identificado umas vezes como brasileiro, outras

---

<sup>1</sup> O Tenente-Coronel José Agostinho, na sua comunicação “Dominantes histórico-sociais do povo açoriano” apresentada no decorrer da II Semana de Estudos dos Açores, conclui acerca do “brasileiro” torna-viagem: “Na minha mocidade eram os ‘brasileiros’ aqueles que mais contribuíam para fomentar a riqueza desta ilha [Terceira] construindo casas, comprando terras e quintas, empregando trabalhadores, ligando-se eles e seus familiares, a gente pobre cujo nível de vida assim se elevou.” (LIVRO DA II SEMANA DE ESTUDOS DOS AÇORES, p. 152)

como português.

A luso-brasilidade, identidade resultante da sedimentação dos intercâmbios humano e cultural entre portugueses e brasileiros configura-se como um espaço cultural definido por sínteses, experiências contíguas, ou contradições. Nesse sentido, o conceito de transculturação utilizado por Fernando Ortiz pode ajudar a clarificar o entendimento da realidade cultural que resulta do encontro português e brasileiro. Se bem que Ortiz se posicione a partir de uma abordagem americana, continua a ser possível uma inclusão do posicionamento europeu, mesmo numa fase de maturidade brasileira. Tendo por referência o caso brasileiro, a memória do período colonial é muito pertinente para se conseguir conceptualizar de forma justa a base da formação dessa sociedade. Inicialmente promovido pela Coroa portuguesa num processo de interação entre nativos, negros e portugueses, depois da independência, o Brasil continuou sendo um espaço de oportunidade para a chegada de imigrantes, alguns deles portugueses. Deste modo, o fenómeno da luso-brasilidade não pode ser resumido às trocas culturais de teor colonial, uma vez que a experiência migratória corrige o desequilíbrio do diálogo entre os dois países.

As vivências afetivas resultantes da moderna imigração portuguesa no Brasil implicam a percepção de uma nova realidade cultural passível de conhecimento pela atenção à integração do presente e do passado das relações luso-brasileiras, enquanto validação desse encontro. De volta ao texto de Fernando Ortiz, este afirma em relação a Cuba que ali se verificaram ao longo do tempo transmutações de culturas que explicam a evolução do povo cubano em tudo o que lhe diz respeito; nos planos econômico, institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, linguístico, psicológico e sexual (CONTRAPUNTEO CUBANO DEL TABACO Y EL AZÚCAR, 1940, p. 254).

A referência ao processo evolutivo da sociedade cubana permite a Ortiz afirmar a dinâmica da transculturação, na medida em que concebe a nova realidade como resultante de um percurso que implica a negociação entre uma desaculturação parcial para que surjam elementos neoculturais (*Ibidem*, p. 260). Simultaneamente, o enfoque na “evolução” afirma o caráter positivo do processo de formação nacional dos novos países, sendo este um traço comum à celebração da luso-brasilidade, experiência vivida ao nível nacional

de parte a parte.<sup>2</sup>

Em jeito de defesa do diálogo transatlântico com significado luso-brasileiro, tal como é olhado por um autor como Vitorino Nemésio, a posição intermédia da identidade açoriana aceita como natural o isolamento de influências lusas no contexto brasileiro e brasileiras no contexto português; ou seja, a do autor açoriano é a uma situação intermediária em que o traço cultural do “outro” aflora, acompanhado de uma carga afetiva que, reconhece, se pode constituir como obstáculo ou como privilégio de parte a parte. Este é um encontro sempre permeado por decisões históricas, que condicionaram o convívio contínuo de diferentes estratos humanos, pela diversidade dos homens e das mulheres protagonistas do diálogo transatlântico ao longo de vários séculos.

Paulo Lopes Matos e Paulo Silveira e Sousa em “População e movimentos migratórios. A atração pelo Brasil” (MATOS; MENEZES; REIS LEITE, 2008) afirmam que a emigração açoriana foi um fenómeno que moldou a posição do arquipélago no âmbito do Estado português, sendo o destino brasileiro o primeiro e o que mereceu mais atenção ao longo de todo o século XVIII:

O Brasil firmava a sua posição de principal destino da emigração transatlântica. [...] O alargamento e a ocupação do território brasileiro mobilizariam, assim, ao longo do século XVIII, um esforço em gente e recursos que superou em muito os anteriores encargos de povoamento das ilhas atlânticas, de domínio da costa de África e de organização do Estado da Índia (p. 537).

Inicialmente com destino ao Maranhão e ao Pará, as constantes levas de açorianos, tendencialmente do Grupo Central do Arquipélago dos Açores, chegaram ainda ao sul do Brasil entre 1746 e 1756, nomeadamente à Ilha de Santa Catarina. Alguns dirigiram-se para o Rio Grande do Sul: “Em 1752 chegariam os primeiros casais açorianos, estabelecendo-se em Viamão, Porto Alegre, Santo Amaro e Rio Pardo” (*Ibidem* p. 541). Nos finais de setecentos, regista-se ainda um fluxo açoriano legal ou clandestino também em direção ao Rio de Janeiro, Pernambuco, Recife e Baía. Enquanto que a emigração de casais tendeu ao decréscimo, o fato é que o recrutamento militar de

<sup>2</sup> Em vários momentos da sua escrita brasileira, Vitorino Nemésio refere-se ao balanço ganhador do Brasil na relação com Portugal.

homens jovens açorianos aumentou ao serviço da defesa das fronteiras do império português sul-americano. Foram milhares de homens jovens açorianos que terão abandonado as ilhas ao longo desses anos<sup>3</sup>. Assim, as relações entre as ilhas açorianas e o Brasil foram sedimentando ao longo do tempo e as redes sociais da emigração<sup>4</sup> continuaram a alimentar a renovação humana e cultural de um diálogo entre Portugal e Brasil intermediado pelos Açores, durante todo o século XIX e primeira metade do século XX.

Os trabalhos brasileiros do acadêmico açoriano Vitorino Nemésio resultam da sua atenção àquele esforço transatlântico. Na verdade, o roteiro brasileiro acompanha o autor ao nível da sua produção poética e ensaística, sem nos podermos esquecer do contributo do professor de Humanidades no Brasil e em Portugal ou do comunicador junto dos média. Pela qualidade académica e sentida do seu discurso, Vitorino Nemésio afirma-se como uma voz credível no diálogo luso-brasileiro. A sua escrita constitui, pois, um dos lugares privilegiados para se observar as relações culturais entre Portugal e o Brasil. É interessante acompanhar o balanço de um percurso pessoal de viagens ao Brasil que o autor confessa no seu *Jornal do Observador*. O título desta publicação, Nemésio justifica-o, atendendo a essa sua função – a de observador intermediário – neste livro de crónicas publicadas entre 1971 e 1974 no magazine com o mesmo título. Em “Visitação brasileira”, o autor prepara-se para regressar ao Brasil em 1972 e o sentimento é de saudade d’“o cheiro à terra, ao capim, a cor das coisas, a toada da fala e até o número de ‘dibeis’ dos ruídos de bonde e de petardo...” (*Ibidem*, p. 310).

<sup>3</sup> No poema “Romance do lugre ‘Flor d’Angra’” integrado em *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, Vitorino Nemésio evoca a dura experiência da emigração de homens jovens para o Brasil (p. 126-128).

<sup>4</sup> A título de exemplo, na “Relação dos emigrantes açorianos para os Estados do Brasil, extraída dos processos de passaportes da Capitania Geral dos Açores e doutras fontes,” do n.º 9 do *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, de entre muitos outros, emigraram no ano de 1836: “José Gonçalves, casado, de Angra, pobre, ao Rio de Janeiro, para a companhia de um tio. Tinha 40 anos de idade, estatura regular, rosto redondo, cabelo e sobrolhos pretos, olhos castanhos, nariz e boca regulares, côr trigueira”; “Francisca Laureana, da Ribeira Sêca, ao Rio de Janeiro, com seus dois filhos menores de 12 anos, João e Maria, para a companhia de seu marido. Tinha 30 anos de idade, estatura alta, rosto redondo, cabelo e sobrolhos pretos, olhos castanhos, nariz e boca regulares, côr trigueira”; “Manuel Barcelos, casado de Angra, ao Rio de Janeiro, para a companhia dum padrinho que o quer proteger. Tinha 30 anos de idade, estatura regular, cabelo e sobrolhos castanhos, olhos castanhos, nariz e boca regulares, côr trigueira”; “João Vieira de Menezes, de São Sebastião, ao Rio de Janeiro, com sua mulher, para a companhia dum primo que o quer proteger. Ele tinha 24 anos de idade, estatura alta, rosto redondo, cabelo e sobrolhos pretos, olhos castanhos, nariz e boca regulares, côr natural” (p. 79).

A Nemésio é naturalmente fácil o estabelecimento da contiguidade com a realidade paisagística do Brasil pela visão, audição, ou através do olfato. E mesmo a variante brasileira da língua surge com naturalidade no seu texto, numa expressão que evoca afetivamente a imagem urbana e ruidosa da cidade brasileira. Quanto aos brasileiros, considera-os “o nosso povo de lá”. A justificação para a proximidade com o Brasil, encontra-a nas memórias de infância na Ilha Terceira, num tempo em que se imitava com afeto o “*di lá*” por referência ao natural ou residente de longa data no Brasil (*Ibidem*, p. 313).

Na produção escrita do autor o tratamento da temática brasileira antecede em muito o período de viagens de Nemésio ao Brasil com início nos anos 50. Anteriormente, na década de 30, o Brasil já começara a fazer parte não só do seu discurso crítico, mas também da sua produção literária. Num ensaio intitulado “O âmago do Brasil”, integrado em *Sob os Signos de Agora* (1932), assume a relação ambígua que Portugal e o Brasil partilham, uma vez que, se é inegável a postura prevenida de cada um também o é o reconhecimento das ligações culturais entre os dois países (*Ibidem*, p. 80). Mais adiante, o autor propõe-se a tarefa de buscar a essencialidade do ethos da nação brasileira, acabando por concordar que no todo o brasileiro estará ainda em formação (*Ibidem*, p. 200). Prossegue então com a identificação de três tipos de habitat brasileiros – o urbano, o arcaico de herança colonial e o do sertão e da Amazónia –, para concluir que o terceiro tipo resultante da confluência de diferentes inclinações étnicas é o que justifica o “viés”<sup>5</sup> do perfil brasileiro, que muito deve à plasticidade do índio contígua à necessidade de ordem do europeu colonizador. Afirma, então, a pertinência dos discursos literários e históricos para a compreensão do índio e do negro na formação do Brasil (*Ibidem* p. 200-201).

<sup>5</sup> No ensaio “O âmago do Brasil” integrado em *Sob os Signos de Agora* (1932), Vitorino Nemésio sugere: “Permito-mo propor a palavra *viés* para exprimir a duplicidade da tèmpera brasileira no seu tipo pejorativo, mas que é porventura aquele que está destinado a encarnar, com o trabalho do tempo e de cultura, o que há de essencial, de intransferível, no *ethos* da nação” (p. 199). E algumas linhas depois, destaca a complexidade inerente à definição do “brasileiro:” “E isto porque o *brasileiro* nem é o português transladado, nem o negro levado à força, nem o índio que espreita o drama encenado no ambiente tropical por uma empresa adventícia, que ele considera e encara como uma *tournée* extravagante, nem o mestiço caldeado com várias forjas, nem sequer o brasileiro condicionado por latitudes tão díspares e combinações irritantes. Graça Aranha o escreveu: ‘o brasileiro vive o poema da aspiração’ (*A Esthetica da Vida*). E Renato Almeida: ‘Somos, antes de tudo, um povo que se ignora.’” (*Ibidem*, p. 200).

No âmbito da produção literária, na década de trinta Vitorino Nemésio recorre às memórias do seu tempo ilhéu, quando o Brasil assumia um valor mítico para os açorianos, nomeadamente para os ilhéus do Grupo Central a que pertence a Ilha Terceira. Em “Negócio de pomba”, uma novela incluída n’*A Casa Fechada* (1937), narra-se a história do lusodescendente e terceirense Renato [Armondi] Ormonde, funcionário do Registo Civil, e nascido no Rio de Janeiro em 1878.

Certo dia, o jovem é visitado por João Lopes Palito, negociante da Baía, ele mesmo outro terceirense emigrado no Brasil. O ‘nêgócio’ que lhe vem propor o Palito é a notícia de uma herança brasileira na sequência do falecimento do pai de Renato no Brasil. A narrativa desenvolve-se então entre o sopro subtil de uma ilha sussurrante e o sonho de uma vastidão brasileira, onde se concentram as ambições pessoais e os oportunismos da comunidade, e de onde retornam terceirenses agora brasileiros – os filhos do Palito velho naturais das Tronqueiras – a anunciarem o milagre de uma herança, que representa progresso material para quem se encontra do lado de cá do Atlântico. Mas o desenho da desilusão começa desde logo a delinear-se no alerta do Palito torna-viagem, já abasileirado na sua estratégia discursiva circular e reticente. “Sim, que o homem era Armondi e deixou cabedal, garanto eu. Agora se você é o herdeiro...,” lança o brasileiro, sugerindo a certeza pela sua garantia pessoal, a par da incerteza reticente decorrente do levantamento de uma dúvida (Ibidem, p. 106). Isto é, o nome de família bem terceirense – “Armondi” (Ormonde) – não é garantia de nada, porque no lado de lá pode haver outro herdeiro.

Renato é órfão de mãe e de padrinho. Da sua identidade brasileira ressalta uma grande indefinição, a par de uma memória de infância desconfortável em relação à mãe, “sob o vestido preto que andava de quarto para quarto com uma mobilidade sussurrante, quase imperceptível e impondo, apesar disso, a sua presença multiplicada, toda no sentido da altura” (Ibidem, p. 117). A ausência de uma figura paterna resulta da morte do padrinho e no anterior desaparecimento do pai – um desconhecido para este filho –, de quem talvez possa vir a herdar trinta contos. Renato é visto pelas outras pessoas como uma espécie de filho das ervas, o menino do seu padrinho. É melancólico e inseguro do ponto de vista afetivo, ressentindo-se de um envelhecimento físico precoce: “O acesso de asma passara-lhe, e agora apenas sentia uma

aspereza no peito e a impressão tão sua conhecida, de uma velhice interior que o amolecia e adoçava, como se a idade do Farelo se tivesse trocado pela sua enquanto o escrivão dormia” (*Ibidem*, p. 107). A fraqueza do jovem Ormonde resultará talvez da sugestão do passado brasileiro não resolvido, num país onde se encontra a sua origem imediata. O pai perdera-se da família, a mãe morrera no Brasil, o padrinho trouxera-o consigo do Brasil para a ilha há muitos anos atrás. Num meio ilhéu limitado, a insegurança e falta de ambição garantem-lhe uma vivência medíocre, mas calma, com o beneplácito do Sr. Farelo, seu chefe de repartição. Enfim, a única réstia de vitalidade do jovem Renato encontra-se na expectativa e num interesse surdo pelos mistérios do desejo sexual.

Por um efeito de contiguidade, a vivência da vila espelha a situação pessoal de Renato Ormonde, na medida em que a aparente dormência esconde um desejo excessivo pela novidade. As notícias do Brasil despertam aquele espaço físico e humano envolvido por “Uma luz de cripta própria do céu açorianano.” A concentração das cabeças e das respirações dos habitantes ilhéus é posta em relevo pela voz narrativa: “Voltaram à Rua do Poço. Novas cabeças curiosas despontavam às portas de duas ou três mercearias intervaladas de lojas gradeadas, de cujo fundo húmido e escurecido pela tarde chegava um bafor mofento de estendais de batata gelada e pipas sideradas nos canteiros” (*Ibidem*, p. 105). O ambiente está pejado de uma humidade doentia responsável pela asma do jovem Renato, mas também pela sonolência do seu chefe, o Sr. Farelo.

As duas forças motrizes desta comunidade ilhoa são, pois, uma força centrífuga de apatia, por um lado, e a de um sopro diastólico trazido pelo fluxo brasileiro por outro. O interior da casa parece subjugar-se a uma decadência física gerida pelo desconforto da humidade, pela quase total escuridão apenas iluminada pelos candeeiros da Praça. Assim, os “quartos abandonados aproveitavam a pausa para viverem sózinhos: um caruncho, vidraça dócil ao vento, o frio arrepiando as falhas de um buraco do sobrado” situada junto à escuridão da praça e vigiada pelas pombas em silêncio pousadas abrigadas pelos agulheiros da parede exterior (*Ibidem*, p. 137).

A pouco e pouco os seres humanos parecem começar a receber a atenção do narrador. E então é dado o poder da palavra ao ilhéu para que discuta as notícias do Brasil. A imagem do país distante vai ser dissecada por



homens com um discurso hipócrita perante a vida. Renato retém do Brasil uma estranheza de ordem fonética, ao lembrar-se de uma curiosa “chalaça ininteligível do Palito dita à janela do quintal, diante dos agulheiros chocos do peso da tarde: ‘Negócio di pomba é disàriativo e pidemático’” (*Ibidem*, p. 172). O facto é que ele possui uma visão enviezada “daquela gentinha do Rio – leiteiros, marçanos de botequim, garotos da carreta das compras nas ruas movimentadas pelo alvejar das flanelas matutinas –, ficara vagamente arrepiado com a familiaridade do Palito.” E, no entanto, o desejo material pela herança suaviza na sua mente aquele país estranho (*Ibidem*, p. 130).

A opinião dos ilhéus acerca dos torna-viagem revela-se nos comentários azedos aduzidos do reconhecimento do progresso material, em comparação com o isolamento falido da ilha: “– Todos os burros têm sorte! – filosofou o Farelo. – Parece impossível como ainda se fazem fortunas no Brasil! Vão daqui uns pategos e vêm de lá uns lordes. Não posso com esta gente!” Este é o comentário do funcionário público, mas o político regional dos anos 30 pensa o mesmo. Ele é um exemplo das elites corruptas que, estando próximas das populações, em nada determinaram a melhoria das condições dos açorianos. Daí que a leitura de “Negócio de pomba” seja um contributo para o conhecimento daquele tipo de mentalidade:

– Deixe-os lá. Sempre têm algum préstimo! – atenuou o doutor acariciando a barbicha. [...] – O Júlio Palito tem-me prestado bons serviços na política do distrito. Lá fez uma escola nas Tronqueiras, dois chafarizes, fora o dinheiro que manda para funções e festarolas (*Ibidem*, p. 110).

Na verdade, a interação entre o brasileiro torna-viagem e os locais mede-se por uma exploração de parte a parte, na medida em que os ilhéus pretendem tirar partido da abundância brasileira, e o emigrante, por sua vez, investe na realização de um projeto de vaidade e de lucro pessoal. No final de tudo, certamente o Palito terá obtido uma percentagem da herança de Renato. Isto é, o dinheiro terá ficado distribuído pelo herdeiro do Brasil, pelo Palito, e só uma pequena parte foi herdada pelo filho legítimo. Numa interpretação que pode circunscrever a essência humana ao desafio da tradução, poder-se-á afirmar que o indolente e açorianizado Renato Ormonde não se apodera da riqueza brasileira por não ter conseguido perceber a chalaça do “Negócio di pomba” do Palito; ou seja, na impossibilidade da tradução encontra-se a mo-

ral da história. Na verdade, a trama da novela revela-se um exemplo paradigmático das conceções do movimento migratório, o qual terá proporcionado um diálogo entre os Açores e o Brasil implantado num sistema de heranças e gerido por ambições que desaguaram muitas vezes em fortunas adquiridas de forma pouco honesta *cá e lá*. O pai de Renato enriquecera, traíndo o seu velho patrão, Taboca.

Neste “Negócio de pomba,” a proposta de um encontro luso-brasileiro enfrenta obstáculos que têm a ver com a dificuldade do lusodescendente Renato [Armondi] Ormonde em enfrentar as memórias pessoais de uma longínqua infância carioca. Daí que o seu investimento final se concentre todo no presente de Ludres e da ilha. É, no entanto, a ilha como medida para o conhecimento do Brasil que permite a continuidade do mesmo diálogo para outras personagens. O Sr. José Borba e o Lusiário auferem da ligação ao Brasil; o primeiro aprecia a extensão territorial do Brasil face à Ilha (143) e o segundo tenta enganar a inveja alheia, “[...] sabia levar muito bem a água ao seu moinho. [...] Custava-lhe muito a viver; todos enchiam a boca com o que ele recebia do Brasil, e afinal era pobre, nunca tivera ambições” (*Ibidem*, p. 171). O discurso indireto livre do Lusiário descobre e esconde a sua felicidade brasileira numa estratégia sensata de quem vive o receio da inveja própria dos círculos restritos.

A atribuição de um lugar aos Açores no diálogo com o Brasil será uma constante nos textos posteriores de Nemésio, porquanto a ilha é o nó da sua viagem real e escrita do Brasil. Em “Restos de selva” do *Jornal do Observador*, fazendo uso dos apontamentos tirados aquando da preparação de Caatinga e terra caída, Nemésio afirma acerca de uma rede com que fora presenteado no Brasil vinte anos antes: “Se não fosse pedante e eu não preferisse deixar a minha rede à família, pedia que me amortilhassem nela. Com um púcaro de barro ao lado, mas não de cerâmica marajoara: de barro de Santa Maria, a ilha dos cagarros, que faz a água mais fresca” (p. 321).

Para o autor nada é tão natural como inserir o detalhe açoriano no elemento brasileiro. Santa Maria é mesmo a “Ilha” e Nemésio não se coíbe de colar elementos açorianos aos seus apontamentos brasileiros. Porém, nem sempre é a realidade física que irmana os dois espaços. São também as realizações culturais e humanas que permitem a Nemésio reconhecer o diálogo transatlântico e ilhéu. *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954) é publicado dois

anos após a primeira viagem do autor ao Brasil. É uma obra que se centra numa vontade de diálogo com o país irmão, numa atitude para a qual a autora do prefácio à segunda edição, Margarida Maia Gouveia, alerta: “e o maior segredo da definição de luso-brasilidade de Vitorino Nemésio é não ser formal, nem doutoral, nem enfadonhamente apologética: ser, sim, vivida e ditada por um homem que propõe o seu ‘eu’ e o seu coração em tudo” (p. 27).

De fato, a busca de elementos semelhantes não é feita em desprimor da especificidade brasileira, uma vez que este também é um aspeto sobre o qual se debruça o autor. Assim, a ilha, assume-a como um elemento facilitador da sua própria aceitação no Brasil. De tal modo que o tema do culto do Espírito Santo enforma um texto como “O Espírito Santo do Encantado.” Na comunidade imigrante portuguesa do Rio de Janeiro, Vitorino Nemésio vai encontrar intactas as tradições da sua ilha, daí que se emocione, concentrando presente e passado:

Em casa de cada ‘Imperador’ há terço rezado, bailes de roda, comezainas, esmolas de pão, carne e vinho. Para isso matava-se um bezerro passeado previamente com fitas de papel no cachço e coroa na carranca. Atrás seguem as moças casadoiras e os festeiros tocando o Pezinho: clarinetes, violas, alguma rabeça plangente... ‘Matava-se,’ ‘seguem’ – escrevi. Não façam caso da diferença de empregos dos tempos. (p. 79)

Mesmo a propósito, a explicação da confusão dos tempos verbais sensibiliza o leitor para a forma sentida como o autor afere esta realidade diaspórica, mas já tão brasileira. É no Brasil que se torna possível compreender a distância entre o académico e os amigos de infância que não estudaram, numa atitude que incomoda o professor ávido de aceitação pelos seus conterrâneos rudes. Daí a gratidão a Tiazé, porque “só ele (que me chama ‘Genésio!’) trata por tu, enfim, o senhorito farto de um respeito ‘cacete’ dos que foram homens comigo e, julgando-me honrar, me distanciam.[...]” (p. 81-82). Outra nuance é dada pelos comentários acerca dos jovens brasileiros lusodescendentes e, como tal, intermediários culturais. O clarinete é um “filho grave e já brasileiro,” que lhe lembra o Presidente Truman pelo tamanho e pela apresentação, mas que mantém vivas no Brasil as melodias da “toada do Pezinho aprendida em três ou quatro anos de visita com o pai às Ilhas.”

As moças com nomes brasileiros – Iraci e Alcirema – sugerem a Nemésio

uma dissertação sobre o processo de cruzamento genético e cultural, resultado do movimento migratório. As jovens lusodescendentes que já “Falavam melodicamente, com vogais dentais chiadas, aceitando o arcaico desfile como quem nele adivinha o rio do sangue perpetuado” serão mães de futuros brasileiros. Isto é, a sua posição intermédia assegura o testemunho do passado de suas tias “nas vésperas do ‘tirar das feições’ para os passaportes que haviam de garantir no Brasil estas possíveis mães de brasileiros futuros.” Apesar de distanciadas do passado açoriano, gostam da festa: “Elas mesmas já estranham o esquisito ritual, mas estão gostando.” O ritual primitivo em que os jovens da comunidade açoriana participam resultará no sacrifício do animal e não terá muito a ver com as suas vivências urbanas.

Então, o ato de escrita do professor visitante funciona como um selo de gratidão à capacidade de dizer sim destes jovens, numa comunhão sagrada da identidade açoriana transplantada. Aliás, a sobreposição da ilha acontece também para se dizer momentos difíceis de uma comunidade luso-brasileira. O autor não apaga as referências ao trabalho árduo dos portugueses<sup>6</sup>. Ilha aqui, revela ele, é Paquetá e não Ilha Terceira. Isto é, “Aí vestira o velhote o avental dos ‘quatro quartos’ de boi, e a desforra do empregado de açougue revelou-se no orgulho perante aquele filho parecido com o Presidente Truman” (p. 80-81).

Na crônica “Pobre de Terceira” do *Jornal do Observador* a mesma sobreposição entre a ilha e o Brasil é a oportunidade para se falar da situação do imigrante açoriano que não deu certo. Otilia é uma favelada lusodescendente, pobre de terceira classe – “A neta do Messias da Má-Merenda é uma pobre de Terceira. Está morrendo aos pedaços” (p. 337). A crônica traduz essa tensão de um diálogo que já não interessa. O texto é construído pelo forçar de discurso direto por parte do visitante ilustre e o obstáculo de uma consciência em discurso indireto livre que já não tem tempo para acreditar num futuro: “O doutor namorava para a tia dela em menino. Botava coroa de flores no cabelinho da moça, tudo bobagem, vamos dizer; mas já se tem visto gente po-

<sup>6</sup> No conto “Cabeça de boga” integrado n’O *Mistério do Paço do Milhafre* de 1949, o pai de Abílio admoesta o filho nas vésperas da partida deste para o Brasil, alertando-o para a dureza da vida de imigrante no Brasil: “— Vai lá passear com o Matesinho! Já que não teve cabeça para os estudos, talvez tenha lombo para carregar café... — Deixa estar, que teu tio não tas poupa...” (p. 239).

bre ficar de repente herdada, e Otília não quer contrariar. Sua barriga doendo, [...] Barriga inchada, de cancerosa” (p. 336).

Nemésio constrói a oportunidade de conhecer a especificidade brasileira, indo mesmo ao ponto de se apropriar do uso brasileiro da língua. Recorre ao léxico, e está também atento ao valor semântico e sintático ou é sensível à inclusão do detalhe fonético na pauta da escrita. Margarida Maia Gouveia, no prefácio da segunda edição de *Segredos de Ouro Preto e Outros Caminhos*, considera que em Nemésio esta é “uma forma de ajustar a peculiar intuição de terras e gentes à dinâmica de um sistema de expressão” (p. 23). Num texto como “Romance de Água di Mininos,” a tradução sentida do real observado permite-lhe criar e explorar o potencial de um uso popular da variante brasileira do português:

Lá em Água di Mininos/Pra cá de Montesserrate,/Fui bahiano uma manhã./  
Bebi meu leite de coco,/Comi o mamão gostoso,/Cheirei a pele moreninha;/  
Às riscas de sangue de boi/Vesti a camisolinha./Já faço na capoeira/Um V  
de pernas ao ar,/Viro pai-de-santo mesmo/No terreiro do luar./Lavei minha  
alma nas águas,/Medi peitinhos em flor/Provando da manga de oiro./Fiz os  
possíveis do gringo/Para ser bom brasileiro. (*Ibidem*, p. 133)

Mas o observador atento que é Vitorino Nemésio também manifesta a sua curiosidade perante a diferença brasileira, mesmo que, às vezes, esta resulte da confluência com os elementos lusos. Em *Caatinga e Terra Caída: Viagens no Nordeste e no Amazonas* (1968), a viagem escrita serve o propósito de absorver o olhar de um autor que já conhecia o Brasil de registos anteriores, mas que decide embrenhar-se no país profundo. Este é o relato sentido do que na oreilha se refere como “um fio romanesco e um impressionismo flagrante de fauna, flora e gentes, largamente informado de cidades, engenhos, fazendas de gado e cocais do ‘aranhol’.” O professor não abdica de nenhum desafio que lhe é lançado pela diversidade do homem no seu habitat. Em “Feira de Caruaru,” o que descreve é um mundo atual com laivos de passado presentificado:

O seu passado contenta-se em ficar no estilo das gentes que passam, na cabra fiel ao caboclo, na pimenta do reino, na cutelaria e na linguagem. O casario, não. Esse renova-se e adapta-se. Velha capela de fazenda ou pequena igreja do Império recobriram-se de formas imprevistas; o tomo do Património chega geralmente tarde para as poder salvar. (*Ibidem*, p. 65)

No seguimento da análise literária e histórica que dera lugar ao conceito de “viés brasileiro” em 1932, o autor pode referir-se à essência da miscigenação brasileira. Em “Ceará flagelado” a meticulosidade da linguagem permite definir os tipos físicos ainda apartados segundo diferentes estatutos sociais; não só o “mestiço empobrecido”, mas também o tipo heróico, que é “o ‘tabaréu’ ou matuto das fazendas.” Este descende “da raça desbravada do sertão, rijo nas carnes enchutas, no rosto agudo e ossuoso, na pertinácia com que arranca a um solo ingrato, sob um clima de extremos, o seu sustento e o dos seus.” Nele persiste a confluência das características físicas dos primeiros portugueses com as das mulheres nativas ou a de uma população progressivamente miscigenada (*Ibidem*, p. 141).

Na feira o autor-narrador deixa-se arrastar pela curiosidade de conhecer os produtos da terra e os artefatos, “cada monte de grão ou de tubérculo ainda é um enigma para mim. Manga, conheço; mandioca, também. Mas as mil e uma formas do fruto, da folha, da raiz benfazeja, quem mas destrinça entre os cintos, os chapéus, os fifós?” E logo depois, a semelhança entre a flora doméstica do Brasil e a dos Açores. Daí o referir que “Só o jerimum me não surpreende; é exactamente a abóbora que me deu vitaminas em talhada e torta, nos Açores. O jerimum – e a espiga de milho verde, assada e cozida em água e sal” (*Ibidem*, p. 66).

A utilização dos Açores como medida da observação da natureza à sua frente aflora aqui e além. Em “Jornada do Agreste” a nota acerca da paisagem brasileira integra as semelhanças que permitem unir o Brasil e as suas ilhas, “Esta tropa de cambiteiros que traz cana podia ser uma récuca de asnos transportando malhetas de rama de milho no caminho das Sete Cidades, na ilha de S. Miguel...”. É assim que o lirismo assoma nessas páginas sempre que o autor se comove perante uma recordação ou uma paisagem justificadas do seguinte modo: “A mim, no Nordeste brasileiro, é sobretudo o milho que me naturaliza e comove: o milho com a sua espiga encamisada de verde, a sua folha em calha, as prumas do seu pendão” (*Ibidem*, p. 62).

A identidade deste país foi sendo construída de forma progressiva, até porque essa é uma pressuposição de que Nemésio não abdica quando olha o Brasil. Mesmo o que está para além das rotas mais fáceis, sendo que as relações transatlânticas informam o discurso luso-brasileiro. Quixadá tem três habitantes portugueses; um número que basta para que o autor reconheça a

continuidade “do fundo luso-brasileiro que por toda a parte sondo” (*Ibidem*, p. 111). Em “Manias de reinol” a tradição oral é posta em destaque:

O seu folclore está tão cheio de romanceiro arcaico, de figuras e histórias reinóis de um arcaísmo evidente, que espanta como a estranheza e a novidade ameríndias e tropicais do meio não o abafaram de todo: antes parece que os profundos contrastes entre Europa e Sul-América, ecologicamente consideradas, excitaram a boa entente entre uma e outra culturas, mais em fusão que em mosaico. (*Ibidem*, p. 158)

Mas, a fusão não significa uma cópia fiel dos valores lusos. Coabitam a escrita nemesiana e a consciência de uma forma brasileira resultante do apego aos padrões culturais genuínos. Já em relação a tradições textuais, Nemésio é peremptório: “A frase, o rifão, o conceito, as próprias figuras lendárias – Porcina, João de Calais, o Camões de olho cego e o D. Sebastião de manhã de nevoeiro –, todo o nosso patrimônio de tradição e origem se comunicou ao sertão e à mata de Nordeste” (*Ibidem*, p. 162). Em “Porcina, vampe da rampa”, o autor explora a especificidade do Brasil. Pelo que, defende a variedade combinatória que aconteceu em relação à tradição portuguesa de 1500 no Brasil. Primeiro, Nemésio parte da observação das realizações culturais desta região, as quais recordam constantemente a presença de influências portuguesas medievais:

Dizer pois que o Brasil carece de Idade Média é tornar ao pé da letra o ano de 1500 como arranque histórico do país. Não. A idade Média veio para aqui com a alma antiga e os costumes arcaicos dos aventureiros de bugios e do pau-brasil da costa, e logo com os vaqueiros de Torre de Garcia de Ávila internados nos rios e nas chapadas do sertão. Gala-se nos arraiais do interior e nas fazendas pé-de-serra a mesma língua de base dos pastores natalícios dos autos de Gil Vicente, naturalmente modulada pelas variações de flora e fauna e por um trem de vida diferenciado há quatro séculos. Mas, no fundo, é a mesma conversa. E até a cantiga é a mesma... (p. 162)

À manutenção da tradição alia-se uma euforia de recriação do tradicional muito ao gosto brasileiro, com base na desconstrução do produto original para adaptá-lo à realidade brasileira: “Porcina, a imperatriz, vira vampe ou mocinha infeliz de mocambo ou de rua escusa. [...] Camões e Camilo aí têm lugar [...]” (*Ibidem*, p. 163). Segue o mesmo padrão a crença no sebastianismo de “O Maranhão e o encoberto.” A figura histórica é elevada a figura mítica

capaz de proteger os humildes: “Talvez por isso os pescadores maranhenses das praias de Olho de Água e Lençóis, ainda hoje falam com o rei Encantado e o veem chegar alta noite no brigue de má fortuna, desembarcando a cavalo e galopando um pouco à espera do eterno retorno...” (p. 131). Porque as tradições lusas se arreigaram nesse espaço, estas regiões permanecem autênticos viveiros de um encontro luso-brasileiro transplantado ao longo do tempo para um contexto americano, para onde também foram confluindo outras experiências nativas ou estrangeiras, não só portuguesas. A reivindicação nacional é assumida como justa neste tempo da crônica de Vitorino Nemésio, pelas palavras do autor:

A alma do Brasil velho pulsa nestes quarteirões urbanos com uma liberdade magnífica. Ali se encontram a raiz lusitana de uma colonização insensível e os indelévels raigotos do fundo ameríndio e africano. Mas por muito que a flora e a fauna imponham suas variedades e nomes próprios, tupi ou banto, potiguar ou nagô, o tom ‘lusitano’ que abrolha em algo novo e diferente de qualquer dos componentes, qualquer coisa que só o ‘bem brasileiro’ da reivindicação nacional exprime e afirma. (*Ibidem*, p. 166)

Para Vitorino Nemésio a vontade nacional afirma a emergência do “tom lusitano” como uma característica bem brasileira. Isto é, em 1968 o autor açoriano considera a essência da cultura brasileira como um processo de tradução entre as culturas que marcaram presença na construção do Brasil. A um outro nível, a escrita brasileira de Nemésio permite também perspetivar a influência brasileira nos Açores, ao encontro do que afirma Luís Ribeiro acerca da música popular açoriana em “Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade:” “Nalgumas [ilhas] parece haver ritmos que fazem supor terem sido importadas da América do Sul, em especial do Brasil, onde ainda hoje há canções que também existem nas ilhas” (p. 530).

No diálogo com o Brasil, Vitorino Nemésio assume o gesto de uma voz e escrita intermediárias, pelo que consciencializa os processos pessoais de ordem afetiva nas reflexões acerca do seu projeto pessoal e profissional nada atreito a uma visão proprietária da cultura, antes sim, solidária. Os textos brasileiros deste autor esforçam-se por compreender o espaço da memória de infância que continua a fazer parte dos seus Açores, graças ao convívio com conterrâneos imigrados no Brasil. E muito mais do que isso, o Brasil é



observado e sentido pelo acadêmico português interessado em promover o contrato transatlântico lusófono de cariz cultural numa acepção pós-colonial. Isto é, a insistência na presença do elemento português na cultura brasileira não se prende com motivações de reinol, é antes um hino a esse novo mundo individual, mas lusodescendente, para além de tudo o mais que define o Brasil. E neste diálogo transatlântico torna-se imprescindível a mediação do Arquipélago dos Açores.

## Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, José. Dominantes histórico-sociais do povo açoriano. In INSTITUTO AÇORIANO DA CULTURA; FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Org.). *Livro da II Semana de Estudos Açorianos*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 1963. p. 139-163.
- BELO, António Raimundo. Relação dos emigrantes açorianos para os Estados do Brasil, extraída dos processos de passaportes da Capitania Geral dos Açores e doutras fontes. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, v. 9, p. 70-100, 1951.
- MATOS, Paulo Lopes; SILVEIRA E SOUSA, Paulo. População e movimentos migratórios. A atração pelo Brasil. In MATOS, Artur Teodoro de; FREITAS DE MENEZES, Avelino de; REIS LEITE, José Guilherme (Coord.). *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura, 2008. Vol. I, p. 535-577.
- NEMÉSIO, Vitorino. *O Mistério do Paço do Milhafre*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Jornal do Observador*. Lisboa: Editorial Verbo, 1974.
- \_\_\_\_\_. *A Casa Fechada*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979 [1937].
- \_\_\_\_\_. O âmago do Brasil. In *Sob os Signos de Agora*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995 [1932]. p. 179-206.
- \_\_\_\_\_. *Caatinga e Terra Caída*. Viagens no Nordeste e no Amazonas. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998 [1968].
- \_\_\_\_\_. *Segredos de Ouro Preto e Outros Caminhos*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998 [1954].
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002 [1940].
- RIBEIRO, Luís da Silva. Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade. In *Obras*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983. Vol. 2. p. 515-564.